

Inventando o Futuro

Fabiana da Silva

A COMUNIDADE DO PARQUE DAS MISSÕES E SUAS MÚLTIPLAS PRÁTICAS: O COTIDIANO DO ACABAMENTO



Este texto surge da minha inquietação ao perceber as especificidades sócio-culturais da comunidade do Parque das Missões, situada no município de Duque de Caxias, divisa com a cidade do Rio de Janeiro – lugar onde cresci. Tenho como objetivo compreender as práticas de mulheres e crianças afro-brasileiras que vivem nessa região; o espaço de formação desses sujeitos, filhos de uma realidade e praticantes do cotidiano.

Ao passar pela Linha Vermelha em direção ao Centro do Rio de Janeiro ou seguindo em direção a outros bairros que se interligam por essa via, o que se vê são casas que dividem o espaço com os grandes *outdoors*. A pessoa que passa por ali todos os dias não imagina a pluralidade de práticas e sujeitos que existe nessa comunidade, com uma população de aproximadamente de 10 mil habitantes. Percorrer este espaço – agora não só como moradora, mas como uma educadora, me fez refletir sobre a importância de

trabalhar para a visibilidade dos sujeitos que ali residem e de suas práticas.

A pesquisa, em andamento, pretende ler no cotidiano do [Acabamento\(1\)](#)- nome dado à fábrica de quintal construída em casa de Dona Regina Lúcia. Todo feito em madeira, nos fundos da casa, a fábrica conta hoje com seis trabalhadoras, além da produção feita por outras mulheres em suas residências. Ali, antevejo um contexto de ensino/aprendizagem além de relações afetivas e profissionais estabelecidas neste grupo de mulheres. Aquilo o que me interessa na pesquisa são trajetórias diversas desse grupo e seus cotidianos. Dentro desse espaço, encontramos mulheres das mais diversas idades, que trazem seus filhos para o trabalho e tornam este lugar um espaço de experiências das crianças com os materiais, com a produção das mães, um espaço enfim de sociabilidade. Ali, fazem suas lições escolares, brincam, re-inventam o cotidiano. No decorrer das entrevistas preliminares feitas por mim, consegui identificar nos diálogos das mães com seus filhos dos esforços realizados por elas para que eles freqüentem a escola e consigam melhores oportunidades na vida. Vejo isto como 'indícios' da valorização da escola por esse grupo. No decorrer das minhas idas a campo, me encantei com dois pequenos trabalhadores, uma jovem de 14 anos e uma criança de 8 anos que ali ficam antes e depois do horário da escola. O encontro com essa adolescente e com essa criança me fez compreender um pouco como se organiza a pluralidade de saberes e de práticas desses sujeitos, além do papel da escolaridade em suas vidas.

A fala do [Erik Allan\(2\)](#) é emblemática, neste sentido. Ele nos diz que *por mais que seja difícil para mim, eu vou estudar, me formar, como a minha mãe diz, e vou para a Marinha, pois tenho que ser um grande homem para poder ajudar a minha mãe. Você não acha*

que eu posso ser um grande homem e ao mesmo tempo marinheiro?

Meu objetivo com este trabalho é mostrar que existe algo a que poderíamos chamar de "cidadania cultural" que se constitui ao se reagir à lógica da homogeneização cultural.. Neste sentido, pretendo atentar para as necessidades de se buscar novas formas de trabalhar pedagogicamente as narrativas e as práticas culturais, respeitando-se os diferentes contextos educativos envolvidos.



.....

√ Fabiana da Silva: Graduanda em pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em letras português-grego na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista de Iniciação Científica (CNPQ) e integrante do grupo de pesquisa "Narrativas, Memórias e Atualização Identitária em Contextos Educativos" E-mail: fabbisilvauerj@gmail.com

Referências bibliográficas (ou textuais):

• (1) Nome de uma fábrica de fundo de quintal que recebe mercadorias das grandes lojas em processo de montagem. Ali chegam as bolsas, cintos e demais acessórios para serem montados, "acabados". Essa a que me refiro é propriedade de Dona Regina Lúcia, uma das moradoras da Comunidade Parque das Missões.

• (2) Fala de Erik Allan da Silva Calazante, 08 anos, aluno da terceira série do ensino fundamental.

• AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*. vol.7, nº 2, 2001. Disponível em: Acesso em: 12 Set 2008.

• CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994.